

«A questão fundamental para mim, penso eu, é o facto de o intelectual ser um indivíduo” (...) “cuja função é levantar questões embaraçosas em público, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los), ser alguém que não pode ser facilmente co-optado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os assuntos que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete.» (Edward W. Said 1993: 28)[1]



Cultura e Sociedade
Culture and Society

por/by Johnny Kraveirinya

Renamo versus Frelimo

A Herança do Império de Gaza em Sofala

A citação de Edward Said, em epígrafe, aplica-se que nem uma luva a quem pretenda escrever com o necessário distanciamento emocional, para poder sopesar cum grano salis (parafrazeando uma jurista amiga) no que concerne a um juízo mais equilibrado dos factos em análise.

Escrever só por escrever para destilar verborreias ou psitacismos ideológicos e outras vaidades não consideramos correcto, pois será um péssimo contributo cívico para ajudar a pensar os problemas em conjunto, num contexto mais geral, antes dos detalhes dos porquês – das causas e efeitos, calculando os prós e os contras e antecipando acções e reacções. É a lei imutável da física. O efeito resiliente (tipo elástico esticado) vem por acréscimo e retorna a quem esticou, e em política isso é recorrente.

O estudo da História serve para isso. É o currículo de uma Nação. Serve para se aprender com os erros do passado evitando sua repetição com um enquadramento actualizado. Negar os problemas, sem avaliação de auto-crítica, é fazer como as avestruzes escondendo a cabeça debaixo da areia.

Ora, em Moçambique, as graves situações actuais de instabilidade política e militar podem preocupar os cidadãos influenciando a capacidade de um julgamento frio e distanciado, devido precisamente ao sistemático e intencional apagão da história das pessoas que compõem Moçambique num todo. As bases de análise ficam reduzidas.

Por outro lado, é sabido que são os vencedores que reescrevem a história.

A Frelimo venceu em 1975, e reescreveu a sua história e a de outros. Enalteceu uns aspectos, omitiu outros. A Renamo por seu lado tenta em 2013, reescrever

de novo a sua história numa óptica paralela à da Frelimo. Trata-se de dois lados da mesma moeda. O verso e o averso. Uma por cima, outra por baixo.

Ambos, movimentos partidários, no entanto, para consolidação de poder político e económico “estão unidos” nessa tentativa hegemónica de reescrever a história, com possíveis danos irreparáveis para o País onde ninguém poderá equacionar quais os resultados. Num efeito multiplicador poderá silenciosamente fazer estragos noutras províncias – instalando o paradigma.

Todavia, a curto prazo o síndrome MEDO (re) instala-se em Sofala e mesmo na vizinha Manica de fronteira com o Zimbábue do octogenário Mugabe, de novo vencedor polémico das eleições presidenciais. Neste conturbado Moçambique, os políticos e outros arautos de separatismos regionais, esquecem-se da dependência externa do País – inserido neste nosso mundo cada vez mais globalizado e militarizado.

A Renamo, de 1976 a 1992, noutra contexto, contou com os apoios externos de alguns portugueses, mercenários fugidos de Angola, e da extinta Rodésia e o posterior empenho do apartheid euro-sul-africano (com a queda da Rodésia), visando atrasar a implementação do poder político nacionalista africano, baNto, maioritário na região da África Austral.

Moçambique – solidário contra esses dois apartheids extintos, da Rodésia e da anterior República da África do Sul – pagaria o preço! [Ilustrações via *Google images*]



A Renamo impôs-se pela guerrilha, repetindo o estilo de recrutamento do século XIX do antigo Império de Gaza (Gatxa). Teve sede no Búzi em Sofala, em Udengo na Gorongosa, e a última em Mandlakazi (Man | Ihacaze) a sul do rio Save. O Império de Gaza, do rio Zambeze ao rio Limpopo, abrangia Sofala, Manica, Gaza e grande parte de Inhambane (272.944 km²). Um Império maior que a Inglaterra ou Reino Unido (244.820 km²) e Portugal (92.072 km²).

Modus Operandi de iniciação: Num ritual denominado de Inquaia, as crianças e adolescentes capturados dos povoados conquistados, eram integrados nas fileiras do exército do Império de Gaza. Depois, iam atacar suas antigas povoações para batizar as lanças em sangue de gente – ‘ku tsakhmissa ma – txadgi ni ingazi ya vanu’ – diz a tradição.

Por outro lado, não é por acaso que os portugueses coloniais chamavam aos maNdao – maChangana da Beira; em contraponto aos maChangana de Gaza. Tem de comum que essa apelação surge em relação aos povos que o imperador Sochangana submetia nos inícios do século XIX, classificados de “servos de Sochangana” (machangana).

A herança do poder do Império de Gaza em Sofala, perduraria, no imaginário colectivo, em dirigentes políticos moçambicanos, do rio Limpopo ao rio Zambeze.

Se para alguns dos seus, Samora era o “velho” – no sentido africano de chefe, com Dhlakama é igual. Reparem ainda no estilo discursivo e dos gestos de Dhlakama, verão a ‘sombra’ da pose de Samora em Dhlakama e por adopção instintiva contra – imitando a Frelimo. (Dhlakama, nome vindo do sul, lê-se Lhakama).

O poder imita o outro poder que se odeia. Ódio fratricida. A unidade dos contrários. [O “passo de ganso” prussiano, na na marcha dos militares alemães nazis, foi a-

daptado pelos militares russos soviéticos, seus inimigos. De comum serem militares. Ver no *YouTube*]

Pelos vistos, muita coisa ficou mal esclarecida em Roma no Acordo Geral de Paz (1992). Uma delas é a contradição de haver dois partidos políticos ainda com denominações “guerrilheiras” – Frente de Libertação e Resistência Nacional. A questão é Frente para libertar quem, de quê, e Resistência contra o quê? Para umas coisas o passado, passou, não serve. Neste caso dos nomes (e não só), os dirigentes máximos da Renamo e da Frelimo parecem presos no passado em Maringué (Sofala) e Nachingwea (Tanzânia).

No entanto, a questão de fundo desta conflituosidade actual em Moçambique vem desses passados mal resolvidos. O resto é falsa questão do poder do sul contra o centro, é desviar o assunto. A actual primeira-dama de Moçambique é natural de Manica, no centro. Neste momento, Maputo no sul, é mais habitado e dominado por moçambicanos do centro e do norte, do que os rongs do sul. Aliás, em Maputo, a população original de cultura ronga e o seu idioma local de séculos, estão em vias de extinção, penalizados pelo poder político desde 1975, no início da aliança Gaza – Cabo Delgado, assim como os senas na Beira perante a hegemonia (i)ndao. O processo é semelhante.

No fundo trata-se de mais um dos “*assuntos que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete,*” como disse E. W. Said, e que incomodam os que não querem ler nas entrelinhas, acrescentamos. (JKM)

[1] SAID, Edward W. (2000). *Representações do Intelectual – As Palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri. Trad. Ana J. Trindade e Marta Mendonça, UCL. Org. Teresa Seruya.



Imagens: à esquerda, pose de Afonso Dhlakama versus Samora Machel. Em baixo, o Presidente da República, Armando Guebuza, com o Presidente da Renamo, Afonso Dhlakama. Fotos: créditos via *Google images*.

Vista da Cidade da Beira

Capital do Centro e das Pescas de Moçambique

O Autarca
Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail (), ou entrega por estafeta no endereço desejado ()

Entidade.....
Morada..... Tel..... Fax..... E-mail.....
Individual () Institucional ()// 2013
Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 * Institucional: 14.700,00